



A BUSCA DA AUTONOMIA PSICOLÓGICA E ECONÔMICA NOS JOVENS

Sandra Bruni, Laura Scortegagna Lopes, Annalisa Cangelosi

Linha 2 – Jovens: as competências humanas requeridas na sociedade atual e o “ser pessoa”

Resumo: No contexto atual, os jovens precisam impostar-se e inserir-se no sistema social de modo autônomo. Para isso, é preciso que eles possuam algumas competências que irão garantir o resultado a si mesmo como pessoa. Com base nessa premissa, o presente ensaio acadêmico tem por horizonte tratar as diferentes visões sobre as autonomias, em especial a psicológica e econômica, trazendo um comparativo entre Meneghetti e outros autores – em especial, Freire, Reichert, Kiyosaki e Lechter, Heath e Amadeu – e propondo, assim, elucidar os pontos de contato ou não da ótica ontopsicológica com as demais pesquisas. O resultado deste estudo mostra que os autores citados apresentam argumentos semelhantes aos de Antonio Meneghetti, mostrando, na prática, a interdisciplinaridade da Ontopsicologia e como ela é uma ciência que abrange diferentes áreas do conhecimento. Embora este trabalho não exauriu a totalidade dos autores que se interessaram pelo assunto, contudo, é uma introdução que, futuramente, poderá ser ampliada, também com aplicações práticas, por exemplo, por meio de um questionário para jovens, montado com base no estudo bibliográfico aqui realizado.

Palavras chave: Autonomias; Jovem; Ontopsicologia.

1. Introdução

O presente ensaio acadêmico tem por horizonte tratar as diferentes visões sobre as autonomias, em especial a psicológica e econômica, trazendo um comparativo entre Meneghetti e outros autores e propondo, assim, elucidar os pontos de contato ou não da ótica ontopsicológica com as demais pesquisas.

Durante a infância, o jovem aprende a conhecer a si mesmo e ao mundo ao seu redor por meio da família e de diversas instituições sociais, porém, esse modo de conhecer não condiz com a verdadeira realidade daquele indivíduo, pois ali são inseridos os estereótipos que constituem uma personalidade e maneira de viver do jovem, mas que, na verdade, não condiz com o seu real potencial e projeto de vida.

Em um contexto em que o jovem precisa impostar-se e inserir-se no sistema social ele deve verificar algumas competências que irão garantir o resultado a si mesmo como pessoa¹, e principalmente, como protagonista da própria identidade, isto é, como alguém que realiza a si mesmo e está sempre a frente do que garante um constante progresso para sua vida. As autonomias, sendo elas psicológica e econômica, juntas, concretizam uma autonomia eficiente

¹ “Pessoa: do latim, *per se esse* = ser por si. [...] O que é por si, indiviso em si e indiviso e distinto de todo o resto” (MENEGHETTI, 2012, p. 211).

que, conforme Meneghetti (2020, p. 19) consente um progresso integral do jovem, ou seja, ele não alcança bons resultados somente em sentido pessoal, mas também social, econômico, legal, metafísico, etc.

Esta é a *justificativa* principal que trouxe motivação para a realização desta pesquisa. Conforme o jovem constrói a sua personalidade e seu modo de conhecer, também formaliza o seu futuro. A partir do momento em que se almeja alcançar independência e autonomia são necessárias mudanças na maneira de atuar a própria vida.

Existem diversos pontos de vista sobre as autonomias de um indivíduo, como ele deve conquistá-las e quais são os seus resultados, assim sendo, partiremos da seguinte *problemática*: qual o diferencial da Ontopsicologia na visão sobre as autonomias, em específico psicológica e econômica, se comparada com outros autores que pesquisaram sobre o assunto? O desenvolvimento deste trabalho é um desafio, ao passo que pretende demonstrar uma nova perspectiva sobre o conceito de autonomia, a partir de uma visão ontopsicológica, e sua verdadeira importância para o crescimento pessoal, econômico, legal e social na vida de uma pessoa.

Com isso, a presente pesquisa tem o *objetivo geral* de compreender o diferencial da visão ontopsicológica sobre as autonomias, em específico psicológica e econômica, se comparada com outros autores que pesquisaram sobre o assunto. Isso se dará, por apresentar com os *objetivos específicos*:

- Mostrar diferentes visões acerca das autonomias psicológica e econômica;
- Indagar a abordagem ontopsicológica em referimento às autonomias econômica e psicológica.
- Identificar os pontos de contato e diferença em relação a ótica ontopsicológica e os demais autores.

Esta pesquisa tem como enfoque o jovem que, quando percebe a necessidade de crescimento, também identifica alguns pontos chave necessários para o seu desenvolvimento.

2. Fundamentação teórica

Antes de apresentarmos a novidade científica da Ontopsicologia em relação às autonomias psicológica e econômica, analisaremos a ótica de outros autores a respeito das mesmas.

2.1 A visão das autonomias entre diferentes autores

Assuntos como as autonomias são bastante citados por diversos autores que buscam entender como se dá o processo da juventude, e é nesse contexto que o presente artigo tende a se direcionar.

Em um primeiro momento, segundo Reichert (2006, p. 12):

Autonomia é aqui entendida como sendo a capacidade do sujeito decidir e agir por si mesmo, com o pressuposto de que o desenvolvimento e a aquisição desta habilidade

sofre influência dos diferentes estilos educativos parentais, assim como também sofre influência do contexto em que o jovem se desenvolve.

Reichert, ainda em seu mestrado, cita um pouco do que vários autores explicam sobre a autonomia, como por exemplo:

Allen, Hauser, Bell e O'Connor (1994), Allen, Moor, Kuperminc e Bell (1998), Kobak, Cole, Ferenz, Gillies, Fleming e Gamble (1993), e Fleming (2005) apontam que um alto grau de autonomia estaria relacionado com maior nível de maturidade ou desenvolvimento do adolescente. (REICHERT, 2006, p. 13)

Uma das temáticas que se pode escolher falar nas autonomias é a autonomia psicológica. A autora acima citada, em um trecho de seu texto, fala sobre alguns autores que dão diretrizes do conceito de autonomia, referindo-se a autonomia afetiva, relacionando com o apego aos pais ou família, o desafio que é para o jovem sair de certos confortos que se tem no convívio familiar para assim, poder assumir seus próprios compromissos e deveres que naturalmente são impostos pela sociedade. Um ponto que pode servir de ajuda a esses jovens são as referências de adulto que os mesmos têm, podendo ser o pai, a mãe ou até os irmãos, “ o desenvolvimento da autonomia é uma tarefa normativa do desenvolvimento adolescente e supõe um desafio para a promoção de mudanças na família e no sujeito” (REICHERT, 2006, p. 13). É explícito o fato da ligação entre o jovem, o contexto familiar e o âmbito social. São esferas totalmente ligadas: o jovem entre a idade de 14-15 anos começa a ter o compromisso de obter a sua racionalidade própria, ter segurança física e mental de si mesmo. (REICHERT, 2006, p. 14)

Para melhor compreensão deste processo, abordaremos neste trabalho a etapa da adolescência média (14-15 anos), proposta por Garcia e Peralbo (2001). Neste período, a principal tarefa do adolescente é converter-se em pessoa fisicamente segura de si mesma, assumir sua sexualidade e o impacto desta em suas relações com os iguais, assim como conseguir autonomia psicológica de seus pais.

Outro autor que se refere à autonomia, e nesse contexto fala sobre a autonomia do educando no âmbito da educação, é Paulo Freire, educador, escritor e filósofo pernambucano. Uma de suas obras intitulada “Pedagogia da autonomia” mostra como deveria ser uma educação de respeito e verdadeiro aprendizado, uma educação de alunos autônomos em suas crenças, pensamentos e liberdade.

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir – a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso –, é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. (FREIRE, 1996, p. 31)

A respeito da autonomia financeira, é indispensável para os jovens que essa seja incluída na formação em escala familiar e depois na área escolar. Nesse sentido, diversos pesquisadores buscam entender e aplicar o ensino da educação financeira para assim os jovens terem essa autonomia. Preparar-se para as mais variadas situações de contexto financeiro é o foco para se antecipar às áreas seguintes.

Necessidades básicas, como, por exemplo, alimentação, educação para os filhos, casa própria e planejamentos futuros, são preocupações frequentes para quem vive em estado de pobreza tendo que economizar os mínimos detalhes para ter um bom resultado de renda. Em várias ocasiões, essas pessoas tendem a mudar planos e estratégias aprendendo diversos trabalhos para desenvolver melhores estratégias que propiciem mais rentabilidade (AMADEU, 2009, p. 21). Nesse contexto, “a Educação Financeira possibilita à população mais pobre melhor gerenciamento de recursos, compreensão das opções financeiras e melhoria de seu bem-estar” (AMADEU, 2009, p. 21).

Algo recorrente que as pessoas buscam fazer em momentos de apuros financeiros é serem reativos ao invés de pró-ativos. São feitas estratégias complexas de tentativa e erro, tomando decisões impulsivas, não analisando criticamente os resultados que porventura terão.

Ter a Educação Financeira possibilita que as pessoas sejam mais seguras nas tomadas de decisões, ajustando-se com a sociedade, buscando pelo bem-estar e conseqüentemente pela independência financeira (AMADEU, 2009, p. 25), porque “Você nunca vai conseguir a verdadeira independência se não for financeiramente independente” (KIYOSAKI e LECHTER, 2001, p. 5).

Um ponto que se liga com esses fatos é a assim chamada “inteligência emocional”, “O que nos torna únicos é como lidamos com nossas emoções” (KIYOSAKI e LECHTER, 2001, p. 173). É por esse motivo que, além das mais variadas sensações, o sujeito está aberto ao medo, por exemplo, na hora de arriscar dinheiro, assumir riscos. A diferença é como se decide lidar com essas situações e medos: para algumas pessoas o pensamento é de não arriscar, ficar em uma zona de conforto onde não tem perigo de perder ou entrar em prejuízo, onde não se falha mas também não há evolução. Já para outros, o medo de perder dinheiro faz com que tenham um pensamento empreendedor, de conquistar, um triunfo para a própria vida, e usam a ocasião para aprender a administrar o risco. “Mesma emoção, pensamento diferente... diferente ser... diferente fazer... diferente ter...” (KIYOSAKI e LECHTER, 2001, p. 173).

Mas qual é a fonte principal de medo? Kiyosaki e Lechter (2001, p. 173) colocam que:

A maior causa das dificuldades financeiras que o ser humano atravessa é o medo de perder dinheiro. E devido a esse medo, as pessoas geralmente procuram atuar com muita segurança, ou com muito controle pessoal, ou simplesmente entregam seu dinheiro para as pessoas que consideram inteligentes e esperam e rezam para que o dinheiro deles vai estar lá quando precisarem.

É sempre bom lembrar que, no mundo financeiro, o importante não é saber tudo, mas sim saber explorar seu potencial e transformá-lo em resultado (HEATH, 2011, p. 127).

2.2 A visão de Antonio Meneghetti sobre as autonomias psicológica e econômica

A palavra “autonomia” em português, vem do francês, “*autonomie*”. Este por seu lado, deriva de duas palavras gregas: “*αυτοσ*”, que significa “si mesmo, próprio” e “*νομος*”, que quer dizer

“nomes”, mas que pode ser traduzido como “normas, regras”. A partir disso, podemos dizer que a palavra *autonomia* significa saber administrar a si mesmo e as normas da sociedade.

Segundo o Acad. Prof. Antonio Meneghetti (2020, p. 19), para que o jovem consiga adquirir a si mesmo como pessoa é preciso que ele saiba inserir-se, de maneira positiva, no sistema social. O ser humano vive em sociedade, faz parte de um “organismo social” (MENEGHETTI, 2019, p. 15). Sem esse sistema, não poderia se fazer e conquistar diversas coisas que são essenciais para o homem, como por exemplo trabalhar, estudar, pesquisar, entre outras diversas coisas que só são possíveis porque em toda a história o ser humano viveu em sociedade. Por isso, é preciso que o jovem saiba desenvolver-se constantemente, analisando todas as diretivas e pontos de ganho para si mesmo, isto é, “onde o jovem ganha mais a si mesmo” (MENEGHETTI, 2020, p. 19).

Primeiro, iremos adentrar na visão da Ontopsicologia sobre a autonomia psicológica. De acordo com Meneghetti (2020, p. 21), para conquistar uma autonomia psicológica é preciso que o jovem se agrada, antes de tudo, de si mesmo, isto é, como você age, como fala, como se veste, tudo indica um pouco de como o indivíduo está naquele momento. Se não se agrada, é preciso que reveja a si mesmo e confronte o próprio ponto que incomoda. A questão é: como o sujeito está, condiz com os seus objetivos e metas?

Durante a juventude diversos medos ou angústias podem surgir e atrapalhar o processo de desenvolvimento de si mesmo, tanto na vida pessoal como profissional, por isso, é preciso analisar e compreender o porquê desses sentimentos. Além disso, Meneghetti fala sobre um outro ponto muito frequente na vida de diversos jovens, o amor. Quando se está apaixonado o indivíduo precisa verificar se aquela relação é realmente boa para si, isto é, quando se está bem e vai atrás do próprio crescimento é preciso que, se existe uma relação, o parceiro esteja na mesma intenção, ou seja, buscando também um crescimento. Caso contrário, pode ser uma grande perda para o jovem, já que quando se está apaixonado podem ser tomadas decisões que causaram consequências que serão cobradas pelo sistema social.

Outro ponto apresentado por Meneghetti é a relação com a “rede afetiva” (MENEGHETTI, 2020, p. 23). A família possui a sua importância mas, também, caso não haja uma autonomia psicológica, pode intervir em decisões e situações da vida do jovem, por isso, é preciso saber administrar a situação.

Essa estratégia não é inútil, porque através disso se aprende o jogo pesado que depois se deverá gerir na grande sociedade, na idade de 40, 50, 60 anos etc. Esses “jogos” feitos na juventude serão uma excelente escola para aprender como fazer de modo racional o “jogo de cintura” com o banco, com o fisco, com a política, etc. para se tornarem pessoas afirmadas. (MENEGHETTI, 2020, p. 23)

Com isso, Meneghetti fala que, dentro de uma relação familiar, é preciso saber lidar com as diversas opiniões e “ordens” dos responsáveis. Enquanto se é jovem, existem diversas oportunidades, porém, muitas vezes, pela menoridade, por exemplo, é preciso saber dialogar com os familiares para se conseguir o que quer. Portanto, é necessário que se aprenda como

jogar e, com isso, obter uma maturidade que depois será utilizada para tantas outras coisas. Outrossim, Meneghetti fala sobre as ideologias; segundo ele, para ter autonomia psicológica “é preciso ser livre de qualquer ideologia” (MENEGHETTI, 2020, p. 23). As ideologias podem restringir e limitar as ideias, opiniões etc. “O Em Si ôntico não tem ideologias; o complexo sempre tem também ideologias, fixidez de informação.” (MENEGHETTI, 2020, p. 23).

A autonomia psicológica, para Meneghetti, condiz com saber lidar com esses diversos pontos, sempre verificando se aquela relação, aquele sentimento, etc. condizem com o melhor para si mesmo. “É necessário atualizar constantemente a si mesmo” (MENEGHETTI, 2020, p. 23). O ser humano muda continuamente, o contexto em que vive também, por isso, é preciso avaliar sempre a si mesmo, onde se está, com quem, quais são os pensamentos e sentimentos que rodeiam a mente. A consultoria ontopsicológica de autenticação é uma técnica para a realização dessa verificação: o técnico ontopsicológico sabe dizer se o indivíduo está ou não na lógica da vida, se é ou não a si mesmo.

A partir disso, podemos adentrar na visão de Antonio Meneghetti sobre a autonomia econômica. Segundo ele, uma das questões mais importantes para o jovem é o controle sobre a própria economia. Durante a juventude existem diversas oportunidades que condizem com uma chance para crescimento e aprendizado do jovem, porém, muitas vezes o indivíduo se perde por procurar oportunidades que o façam chegar rapidamente no poder, sem antes pensar nas consequências que futuramente podem atrapalhar.

Um exemplo dado por Meneghetti (2020, p. 27) é quando algumas mulheres, na idade de 18, 20 anos, procuram um homem para sustentá-las, garantindo assim diversos luxos e coisas que necessitam; porém, no futuro se veem perdidas, sem poder realizar a própria estrada de crescimento, já que não possuem a sua economia para isso.

“O *business* máximo é baseado na liberdade de inteligência, ali a vida é maravilhosa” (MENEGHETTI, 2020, p. 29). Com isso, Meneghetti diz que, para se alcançar o máximo de si mesmo e do seu projeto, é preciso uma inteligência para ser livre, isto é, se o jovem sabe como lidar com a própria economia e traçar os caminhos certos para isso, então obtém a liberdade de seguir as próprias escolhas.

Sendo assim, o jovem precisa verificar se realmente possui uma total gestão sobre a própria economia ou se ela está sendo administrada por outras pessoas. Além disso, é necessário observar se ela cresce em conjunto com o crescimento profissional do jovem. Para ter autonomia sobre a própria vida, o sujeito deve entender que a questão econômica pode abrir diversas portas para a liberdade individual ou, caso não se possua um controle, impedir diversas oportunidades de crescimento. “Cada um deve saber pagar a própria liberdade, em cada momento” (MENEGHETTI, 2020, p. 29).

É essencial que se tenha responsabilidade para viver a beleza da vida, isto é, aprender a verificar os pontos que conduzem ao melhor caminho, obtendo assim sempre um crescimento e aprendizado. É vital ter em mente que, para o jovem, o caminho se constrói aos poucos, se usada a inteligência para administrar alguns fatores, como a própria economia; então, o

indivíduo desenvolve-se como pessoa, como ambiente, como sociedade e como *business* (MENEGETTI, 2020, p. 19).

Para Meneghetti (2020, pp. 25-26), a base econômica é um dos três pontos para que o jovem possa ingressar no mercado de trabalho. “A base econômica é a liberdade, é a autonomia, é o direito ser como se é” (MENEGETTI, 2020, p. 26). Com isso, o autor quer dizer que, para se obter o controle das próprias escolhas, é preciso, antes, possuir o controle da própria economia.

Atualmente, existe uma busca por encontrar a felicidade, principalmente em quanto se é jovem: busca-se de diversas maneiras ser feliz, mas a verdade é que, segundo Meneghetti (2020, pp. 29, 30), a felicidade está no autoconstruir-se e na autonomia de si mesmo, seja ela psicológica ou econômica. O trabalho que o indivíduo tem para construir e seguir o próprio projeto depende da liberdade que consegue por meio das autonomias.

Portanto, para a Ontopsicologia, as autonomias são fatores essenciais que precisam ser entendidos e exercidos pelos jovens que querem realmente construir um futuro para si mesmos, encontrando o real valor de si e a liberdade para viver o próprio projeto.

3. Autonomia psicológica e econômica: qual a novidade da Ciência Ontopsicológica?

Na sequência serão cruzadas as óticas dos autores acima citados, para identificar pontos de contato e diferença entre eles.

3.1 Autonomia psicológica

A partir dos pontos que foram abordados anteriormente, podemos verificar alguns argumentos em comum entre Reichert e Meneghetti sobre a autonomia psicológica. Para Reichert, a autonomia psicológica traz um sentido de que o jovem deve possuir uma capacidade de decidir e agir por si mesmo, deixando de lado as influências dos diversos tipos de relações, como a familiar e a do contexto social em que vive. Similarmente, Meneghetti explicita o fator das relações familiares e sociais sobre a autonomia psicológica do jovem. Para ele, o indivíduo deve saber jogar com as relações familiares, isso porque, frequentemente, os jovens se deixam influenciar em suas decisões a partir do pensamento dos pais ou responsáveis. Isso faz com que suas próprias vontades fiquem, muitas vezes, em segundo plano.

Outro ponto que podemos levar em consideração, e que é citado pelos dois autores, é o fato do jovem ter liberdade e possuir uma segurança para ser quem realmente é. Para Reichert, o jovem deve entender a si mesmo e utilizar isso para realizar-se continuamente e se desvencilhar das barreiras que não deixam ele possuir a própria autonomia psicológica. Meneghetti diz que o jovem que quer realmente viver o máximo de si mesmo deve procurar entender os próprios pontos que incomodam e que não fazem parte de quem ele é de fato e do seu verdadeiro projeto.

Com isso, podemos verificar que ambos os autores trazem uma conformidade de que a autonomia psicológica condiz com a prática do jovem de ser, saber e fazer a si mesmo. Freire,

outro autor que podemos comparar com a visão de Meneghetti, traz a autonomia psicológica em um contexto educacional. Para ele, a educação deveria induzir o jovem a uma liberdade para construir sua autonomia, em relação às próprias crenças e pensamentos, elaborando, então, uma relação de respeito entre todos.

Contudo, para Meneghetti na autonomia psicológica se é livre de ideologias, isso porque elas limitam o pensamento dos jovens. A partir do momento em que a autonomia psicológica é alcançada, o jovem deve entender por si mesmo o que é ou não é verdadeiro para ele. Com a Ontopsicologia, um ponto necessário para a verificação dessa questão é a autenticação ontopsicológica, que condiz com a verificação de si mesmo a partir da realidade da vida e do projeto de natureza do sujeito.

Com isso, podemos verificar que os dois autores trazem uma perspectiva sobre a autonomia psicológica em que Freire propõe, na lógica educacional, uma liberdade para que o jovem construa os próprios ideais, assim como Meneghetti, que retrata a influência das ideologias como algo que pode fixar a mente do jovem, limitando, assim, seus pensamentos a uma única opinião, concluindo então que o indivíduo deve elaborar os próprios entendimentos por si só.

3.2 Autonomia econômica

Para adentrar nos pontos de contato e diferença sobre o que os autores chegaram a definir em relação à autonomia econômica, e o que Antonio Meneghetti concluiu a respeito da mesma, será comparado, primeiramente, o conceito de João Ricardo Amadeu (2009), que explica o quanto as pessoas são impulsivas na hora das tomadas de decisões, não se antecipam em suas economias e assim acabam tendo complicações financeiras no futuro: certamente, quando chega o momento que deveria ter resultado, não se apresenta. Assim, pode-se ter um ponto de contato com o que Meneghetti mostrou: o jovem quer chegar rápido demais em alguma meta que naquele momento serve de aprendizado para futuramente chegar ao resultado esperado, não aproveitando as grandes oportunidades que chegam na sua vida.

Outros autores que possuem um ponto de ligação com Meneghetti são Robert T. Kiyosaki e Sharon L. Lechter (2001), os quais deixam bem explícito o fato de que sem independência financeira não se tem independência. Isso liga-se então com as palavras de Meneghetti, que dá um exemplo quando algumas mulheres de idade entre 18, 20 anos procuram homens mais velhos que já tem uma vida financeira bem estável, para assim elas terem quem sustenta seus gastos e desejos. Depois de alguns anos, essas mulheres vão estar sem uma direção certa na vida, pois não fizeram uma preparação autônoma financeiramente para si.

Tanto para Meneghetti quanto para Kiyosaki e Lechter, a independência financeira depende, em grande parte, do fato se o indivíduo tem o controle da sua economia ou se deixa para terceiros administrarem sua responsabilidade. O resultado só depende do fazer e de como faz: estar disposto a enfrentar riscos, aprender com o que deu errado e utilizar o conhecimento adquirido para ter um resultado espetacular na próxima oportunidade.

Portanto, chega-se à solução de que, referente à autonomia ou independência financeira, os autores condizem com suas teses tendo relação de contato, afirmando, assim, a importância de ter uma vida autônoma financeiramente.

4. Considerações finais

Com este trabalho, pretendíamos alcançar alguns objetivos específicos: mostrar diferentes visões acerca das autonomias psicológica e econômica, indagar a abordagem ontopsicológica em referimento às autonomias econômica e psicológica e identificar os pontos de contato e diferença em relação a ótica ontopsicológica e os demais autores. A partir disso, realizamos uma pesquisa sobre diferentes autores que discorreram sobre as autonomias psicológica e econômica; depois, a partir de um estudo com base nos livros de Meneghetti, apresentamos a visão ontopsicológica sobre o assunto, para assim, realizarmos uma comparação entre as várias visões abordadas.

O resultado deste estudo mostra que os autores citados apresentam argumentos semelhantes aos de Antonio Meneghetti, mostrando, na prática, a interdisciplinaridade da Ontopsicologia e como ela é uma ciência que abrange diferentes áreas do conhecimento. Obviamente, este trabalho não pôde abranger a totalidade dos autores que se interessaram pelo assunto. Contudo, é uma introdução que, futuramente, poderá ser ampliada, também com aplicações práticas, por exemplo, por meio de um questionário para jovens, montado com base no estudo bibliográfico aqui realizado.

Referências bibliográficas

- AMADEU, J. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e Investimento**: Proposta de Inserção da Disciplina na Matriz Curricular. 2009. 85 p. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Oeste Paulista de São Paulo. 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-78973/a-educacao-financeira-e-sua-influencia-nas-decisoes-de-consumo-e-investimento--proposta-de-insercao-da-disciplina-na-matriz-curricular>. Acesso: 24 mar. 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> Acesso: 24 mar. 2021.
- HEATH, R. **Transformando erros em Lucro**. São Paulo: Editora Gente, 2011.
- KIYOSAKI R.; LECHTER L. **Independência Financeira**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.
- MENEGHETTI, A. **Aprendiz Líder**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... Jovens e realidade cotidiana / Antonio Meneghetti su... Giovani e realtà quotidiana**. 2. ed. (edição bilingue). Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2020.

MENEGHETTI, A. **Sistema e Personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

REICHERT, C. B. **Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais**. 2006. 102 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/667>. Acesso em: 24 mar. 2021.